

A AULA COMO CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO DO ESTUDANTE: RESENHA CRÍTICA

PEDERIVA, Sandra Antônia Rodrigues
sandrapederiva@hotmail.com

RESUMO

A resenha apresentada aqui trata-se de uma atividade do curso de formação continuada EDUCAR NA DIVERSIDADE, cuja proposta pede-se uma resenha e análise crítica sobre o tema A AULA COMO CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO DO ESTUDANTE.

RESUMO DA OBRA

A apostila é constituída de vinte e uma páginas, com tópicos no decorrer do assunto. A mesma intitulada como material de estudo, módulo quatro e com o título “A aula como contexto de desenvolvimento do estudante”. É relatado a importância do desenvolvimento da aprendizagem acontecer na sala de aula, haja vista que é o contexto de maior relevância para o desenvolvimento do aluno.

Neste espaço se articula a interação de três elementos básicos, como: os conteúdos, o aluno e o professor. Nesta interação de ambos existem relações, onde o aprendiz constrói significados através dos conteúdos, mediados pela ação efetiva do professor. Não esquecendo, porém que os colegas de turma atuam como cooperadores importantes na ação do aprender.

Apesar de cada docente ter a estratégia própria de abordagem de conteúdos e saber exatamente qual o tempo de cada aluno seu; o sistema vem através de reformas educacionais na América Latina traz o Construtivismo, como orientação dos processos de ensino aprendizagem.

Vem enfatizar a ideia de que nada, a rigor, está pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. Constitui-se pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais; por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio.



As diversas teorias que explicam o desenvolvimento humano apóiam-se em diferentes concepções do homem e do modo como ele chega a conhecer o mundo e a si próprio. Tais teorias dependem da visão existente em uma determinada situação histórica e evoluem na sua forma de explicar a realidade, por sua vez, à compreensão das teorias irá contribuir significativamente para a formação dos profissionais da educação.

Pode-se afirmar que a aprendizagem acontece por um processo cognitivo imbuído de afetividade, relação e motivação. Assim, para aprender é imprescindível “poder” fazê-lo, o que faz referência às capacidades, aos conhecimentos, às estratégias e às destrezas necessárias, para isso é necessário “querer” fazê-lo, ter a disposição, a intenção e a motivação suficientes. Para ter bons resultados acadêmicos, os alunos necessitam de colocar tanta voluntariedade como habilidade, o que conduz à necessidade de integrar tanto os aspectos cognitivos como os motivacionais.

A motivação é um processo que se dá no interior do sujeito, estando, entretanto, intimamente ligado às relações de troca que o mesmo estabelece como meio, principalmente, seus professores e colegas. Nas situações escolares, o interesse é indispensável para que o aluno tenha motivos de ação no sentido de apropriar-se do conhecimento.

A motivação é um fator que deve ser equacionado no contexto da educação, ciência e tecnologia, tendo grande importância na análise do processo educativo. A motivação apresenta-se como o aspecto dinâmico da ação: é o que leva o sujeito a agir, ou seja, o que o leva a iniciar uma ação, a orientá-la em função de certos objetivos. Diante desse contexto percebe-se que a motivação deve ser considerada pelos professores de forma cuidadosa, procurando mobilizar as capacidades e potencialidades dos alunos a este nível.

Torna-se tarefa primordial do professor identificar e aproveitar aquilo que atrai a criança, aquilo do que ela gosta como modo de privilegiar seus interesses. Motivar passa a ser, também, um trabalho de atrair, encantar, prender a atenção, seduzir o aluno, utilizando o que a criança gosta de fazer como forma de engajá-la no ensino.

Quanto à estratégia de cooperação, a aprendizagem e conhecimento são processos sociais e a cooperação é indispensável à sua construção. Cooperar, no



entanto, não deriva automaticamente da proximidade física. Implica igualdade e diferença. Só pode haver cooperação quando pessoas curiosas, confiantes, informadas e motivadas, capazes de refletir, ouvir e participar, com diferentes pontos de vista, diferentes experiências e vivências são reconhecidas como competentes na sua individualidade (pessoal, social e cultural).

O ensino não pode ficar submisso a conteúdos descritivos. O saber é dinâmico, ultrapassa o aparente. Deve possibilitar ao aluno a possibilidade de ampliar os horizontes do conhecimento e da aquisição de uma visão crítica que lhe permita extrapolar a aptidão específica de seu campo de atuação profissional.

Quanto à forma de avaliar o professor precisa estabelecer objetivo e critérios em seu planejamento e estes devem estar em consonância com o projeto político-pedagógico. É indispensável ter clareza a respeito do que se pretende avaliar, para poder realizar o que se pretende, e saber qual metodologia adotar e quais recursos utilizar. Cada contexto tem suas especificidades. E, ao se construir esse instrumento de avaliação, ele tem de ser coerente com a prática pedagógica do professor e como que foi ensinado. Não se pode ensinar de uma forma e avaliar de outra, é preciso haver coerência. E é aí que ocorre a grande mudança: os instrumentos de avaliação são aplicados no momento em que se ensina. O professor cria situações de aprendizagem e, ao mesmo tempo, produz situações de avaliação. Segundo Paulo Freire, ensinamos se a aprendizagem tiver acontecido; se não aconteceu aprendizagem, não ocorreu o ensino.

Para a construção da auto-estima, deve-se criar um clima de confiança, que faça com que o aluno sinta-se aceito, acolhido, compreendido e respeitado. Sabe-se que os alunos aprendem melhor quando estão satisfeitos com sua auto-imagem, e quando mantém bons sentimentos, com relação à escola e a si mesmo. Por isso, o professor torna-se um referencial, que poderá contribuir de forma positiva ou negativa ao processo educativo por estar diretamente ligado à criança em seu cotidiano escolar.

RESUMO CRITICO DA OBRA

O presente texto fornece subsídios a uma reflexão da prática educativa. Coloca-nos a aprendizagem como resultante do desenvolvimento de aptidões de



conhecimentos, bem como a transferência destes para novas situações. O aluno deve ser tratado com muito profissionalismo e sempre com um gesto motivador, pois sua estrutura cognitiva tem que ser levada em conta neste processo de aprendizagem, pois os conhecimentos que o aluno apresenta, é fundamental na aquisição de novas possibilidades de aprendizagem.

É uma leitura de fácil entendimento, um assunto que não necessita de uma releitura, ou pesquisas quanto a conceitos. Os autores apresentados são autores do cotidiano das leituras dos profissionais da educação.

O texto tem um estilo claro, objetivo e o assunto construtivismo já fazem parte de nossos métodos. Acredito que esta abordagem possa enriquecer nosso trabalho, pois podemos amadurecer mais alguns pontos de muita relevância na excelência de uma prática pedagógica.

REFERÊNCIA

DUK, Cynthia - Educar na Diversidade: material de formação docente / organização: Cynthia Duk. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005. 266 p.3.ed/edição.

